

## VOZES NA SAÚDE: A EXPERIÊNCIA DE PRODUZIR UM DOCUMENTÁRIO SOBRE AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE NO PET-SAÚDE EQUIDADE

GUILHERME BANDEIRA MACHADO<sup>1</sup>; BRUNO RAMOS MARTINS<sup>2</sup>;  
ALEXANDRE SEVERO MASOTTI<sup>3</sup>; ELCIO ALTERIS DOS SANTOS BOHM<sup>4</sup>;  
DULCENÉIA SOARES ALVES<sup>5</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – guilhermebandera.svp@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – bruno.rmartinz@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – masottibrasil@yahoo.com.br*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – elcio.to\_ufpel@hotmail.com*

<sup>5</sup>*Centro de Referência Regional em Saúde do Trabalhador da Macrorregião Sul –  
alvesdulce226@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) é um programa que promove a integração ensino-serviço-comunidade, envolvendo estudantes, professores e profissionais de saúde. O projeto se baseia na educação pelo trabalho, oferecendo bolsas e oportunidades para que os participantes atuem diretamente na rede pública de saúde baseado em uma parceria entre Sistema Único de Saúde (SUS), Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas-RS, Pró-Reitoria de Ensino UFPel e Núcleo de Programas e Projetos UFPel (NUPROP). Além disso, é formado por 5 grupos compostos por estudantes de diversos cursos da área da saúde, nos quais os bolsistas mantêm suas atividades durante o período de 24 meses.

No ano de 2024, após dez edições anteriores (20 anos), pela primeira vez o PET-Saúde abriu vagas para alunos dos cursos de Artes Visuais, Cinema e Pedagogia. Esta edição do PET-Saúde se destaca por ter suas atividades voltadas também para trabalhadoras e futuras trabalhadoras do SUS. Cada um dos grupos que compõem o projeto tem um público alvo. O Grupo 3: “Vozes da saúde: promoção da saúde mental no trabalho” se propõe a estudar a saúde mental na vida dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) com apoio técnico do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador Macrosul (CEREST). O ofício desses profissionais consiste em construir a ponte entre comunidade e as Unidades Básicas de Saúde (UBS) de determinados bairros do município. Suas atividades envolvem visitas a pacientes previamente definidos pela UBS do bairro, com foco em acamados, crianças, mulheres em gestação, idosos e etc. Durante essas visitas, eles também fazem o cadastramento de todos os moradores de cada casa presente na região, com informações socioeconômicas e de saúde, como: doenças, receitas, necessidades médicas e quantidade de indivíduos da residência.

Dentre as diversas atividades desenvolvidas pelos bolsistas do Grupo 3 para os ACS, visando uma promoção na qualidade de vida com foco na saúde mental, está a proposta de desenvolver um espaço de expressão e auto etnografia para estes profissionais da saúde através do audiovisual, com breves entrevistas no Instagram no formato de Reels<sup>1</sup>, mas principalmente com a

<sup>1</sup>No contexto do Instagram, reels refere-se a vídeos curtos, geralmente com até um minuto de duração, que os usuários podem criar e compartilhar. O termo "reel" em inglês também pode se

produção de um documentário curta-metragem. A escolha pelo documentário enquanto método se ancora na ideia de que o cinema pode atuar como ferramenta de escuta, expressão e construção de conhecimento. Segundo Bill Nichols (2010), o documentário não apenas informa, mas interpreta o mundo, e pode assumir um papel social relevante ao oferecer espaço para vozes historicamente marginalizadas.

Neste relato abordaremos os relatos e impactos dos estudantes dos cursos de Cinema da UFPel, Bruno Ramos e Guilherme Bandeira, os quais desenvolvem este documentário junto ao tutor Alexandre Masotti.

## 2. METODOLOGIA

As atividades do núcleo de Cinema no PET-Saúde tiveram início em maio de 2024, a partir da proposta de criação de um documentário com foco na vida e no trabalho dos ACS nas regiões periféricas da cidade de Pelotas. Dessa forma, paralelamente aos encontros do Grupo 3 no CEREST, os estudantes de Cinema iniciaram reuniões semanais no Centro de Artes da UFPel (CA), organizando o cronograma, divisão de funções, levantamento de equipamentos e demais aspectos da produção. O planejamento geral foi dividido em etapas a serem desenvolvidas ao longo dos 24 meses de duração do programa: pesquisa, roteiro, produção, análise do material, montagem, exibição e divulgação.

A fase de pesquisa consistiu no acompanhamento das atividades dos bolsistas da área da saúde, que realizaram coletas de dados e testes de saúde mental com os ACS nas UBS de Pelotas. Durante esse processo, foram observadas e registradas falas sobre a vida profissional e pessoal dos agentes, resultando em relatórios que permitiram identificar padrões importantes para confecção do roteiro.

Com base nesse material, a equipe de Cinema passou à construção do roteiro, estruturando perguntas para as entrevistas em colaboração com demais estudantes, tutores e preceptores do Grupo 3. Sendo assim, baseado nas teorias de Nichols, o roteiro adotou dois métodos de abordagem documental: o método participativo, por meio de entrevistas em que os próprios agentes relatariam suas experiências e o método observacional, com a captação do cotidiano dos ACS em campo. As referências estéticas e narrativas utilizadas no desenvolvimento do roteiro incluíram análises filmicas de obras como Ilha das Flores (1989, Dir. Jorge Furtado), Esta Não É a Sua Vida (1991, Dir. Jorge Furtado), Estamira (2004, Dir. Marcos Prado), Holocausto Brasileiro (2016, Dir. Armando Mendz e Daniela Arbex) e Carne e Osso (2011, Dir. Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros).

Para a produção do documentário, foi montado um estúdio improvisado em uma sala do CA, com o apoio de equipamentos dos cursos de Cinema da UFPel. Foram entrevistadas três ACS atuantes no distrito das Três Vendas: Vanessa da Silva (UBS Getúlio Vargas), Luciana Silveira (UBS Caic Pestano) e Luciane Rodrigues (UBS Getúlio Vargas). A equipe de gravação contou com Jéssica Maria e Mariana Almeida na condução da entrevista e fotografia, respectivamente; Guilherme na captação de som; e Bruno no registro e organização do material audiovisual.

---

referir a um carretel ou bobina, objetos usados para enrolar materiais como linha de costura ou filme.

No momento, o projeto se encontra na fase de análise das entrevistas (abordagem participativa) e seguiremos em breve para captação dos ACS em campo (abordagem observativa). Com isso, abordaremos nesse estudo os resultados e impactos obtidos até a fase a qual o projeto se encontra.

### **3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS**

Desde o primeiro contato com os Agentes Comunitários de Saúde dentro das UBS de Pelotas, tornou-se evidente a necessidade de expor a realidade desses trabalhadores que estão à margem do SUS, além de ratificar o quanto fragilizada a sua saúde mental está em consequência de sua atividade laboral. A relevância dessa produção cinematográfica busca, desde o início, criar um espaço auto etnográfico de escuta para esses profissionais que se expõem diariamente à situações de risco à vida, assim como, construir um ambiente de valorização do seu papel na comunidade pelotense.

Assim sendo, foram realizadas entrevistas e coletas de informações acerca do trabalho que os profissionais em questão vêm desenvolvendo em Pelotas e sua importância para a manutenção da saúde pública. No entanto, foi relatada uma grande precarização no meio profissional o qual estão inseridos e o perigo ao se exporem em ambientes externos nas ruas, relatando mordidas de cachorros, acidentes no percurso, calçadas com relevo prejudicado e saídas à bairros com alto índice de violência. Além disso, os equipamentos que são disponibilizados não atendem as necessidades ou acabam nem vindo, como os próprios Equipamentos de Proteção Individual (EPI), tablets em má funcionalidade, protetores solares perto da data de vencimento ou até vencidos, agravando a alta exposição solar. Pode-se salientar, também, a influência das relações dentro do ambiente de trabalho, cujo os relatos muitas vezes expõem casos de assédio moral, afetando diretamente no seu cuidado mental, além do pouco tempo livre dedicado ao lazer fora do horário de trabalho. Com isso, a partir dessas informações coletadas através de seus relatos, conseguimos estruturar um roteiro que pudesse demonstrar todas as fragilidades citadas e as necessidades que sua categoria enfrenta no dia a dia, dentro e fora do ambiente de trabalho.

Durante as gravações, a partir do depoimento da ACS Luciane Rodrigues, por exemplo, encontramos essas questões de forma recorrente.

“Então, se a gente não tem uma ferramenta decente para trabalhar, como o nosso material de trabalho é bem precário mesmo... Nossos computadores mesmo são sucateados, nós não temos material novo para trabalhar, nós não temos o EPI que é a botina para pisar no barro, a gente usa o que a gente tem, então nós não somos valorizados como deveríamos.” (RODRIGUES, 2025)

Observamos que a ausência de equipamentos adequados e de reconhecimento profissional corrobora a sensação de desvalorização e sobrecarga, afetando sua motivação e bem-estar. Dessa forma, a negligência em relação a essas condições não apenas limita a efetividade das políticas públicas de saúde, mas também agrava o adoecimento psíquico desses trabalhadores, tornando urgente a necessidade de melhores condições laborais e de um suporte

psicológico adequado para aqueles que dedicam suas vidas à preservação da saúde da comunidade.

Nesse sentido, acrescentou-se às atividades do núcleo de cinema a produção de *reels*, breves entrevistas publicadas no perfil do Instagram do Grupo 3. Tal material audiovisual, além de divulgar as atividades dos bolsistas, já alcança de forma imediata, dentro de suas proporções, os objetivos previstos com o documentário. Criou-se um espaço auto etnográfico que busca valorizar a importância do ACS e conscientizar a sociedade sobre as problemáticas da saúde e da vida destas trabalhadoras.

#### **4. CONSIDERAÇÕES**

Nós, como futuros cineastas, nos colocamos no papel de comunicadores e entendemos a responsabilidade que devemos desempenhar ao amplificar as vozes desse coletivo de trabalhadores que representam uma luta constante contra a desvalorização de seu ofício. Cabe a nós ouvi-los e compreender seus desafios, para assim contar suas histórias e relatar suas necessidades no intuito de evidenciar a contribuição que os Agentes Comunitários de Saúde realizam na comunidade de Pelotas. A valorização e cuidado com quem cuida, constrói saúde com humanidade, a cautela com eles acarreta no cuidado de toda população.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARBEX, Daniela; MENDZ, Armando. **Holocausto Brasileiro**. Brasil: Vagalume Filmes / HBO Latin America, 2016. Documentário (filme para TV), 90 min.

CAVECHINI, Caio; BARROS, Carlos Juliano. **Carne, Osso**. São Paulo: Repórter Brasil, 2011. Documentário, 65 min.

FURTADO, Jorge. **Esta não é a sua vida**. Porto Alegre: Casa de Cinema de Porto Alegre, 1991. Curta-metragem (documentário), 16 min.

FURTADO, Jorge. **Ilha das Flores**. Porto Alegre: Casa de Cinema de Porto Alegre, 1989. Curta-metragem (documentário), 12 min.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2010.

PRADO, Marcos. **Estamira**. Rio de Janeiro: Zazen Produções, 2006. Documentário,